

Inconsciente: o revelar velado das históricas
Ana Petronília Machado Costa

Foi a partir da Interpretação dos Sonhos que Freud deu origem à primeira tópica do aparelho psíquico – em 1899. Descobriu que o mais importante para o sujeito Inconsciente é o desejo.

De acordo com Freud, o Inconsciente é um lugar constituído por conteúdos recalçados, uma instância que lhe foi revelada através de alguns movimentos muito particulares do sujeito do desejo, ou seja, “o que eu não digo, onde gosto de ficar, quando morro de medo do mar, unhas ruídas, o que eu rejeito, o meu jeito de desejar...” (“Me Revelar” – Zélia Duncan)

Para ilustrar esta reflexão escolhi a letra de uma música chamada “Me Revelar” de Zélia Duncan. Esta escolha resultou de uma letra que já conhecia há algum tempo. Foi tema na minha análise, logo que inicie com o tratamento, e que surgiu inesperadamente quando pensei no tema para este ciclo.

“Tudo aqui quer me revelar”

Me revelar

(Zélia Duncan)

Tudo aqui quer me revelar

Minha letra, minha roupa, meu paladar

O que eu não digo, o que eu afirmo

Onde eu gosto de ficar

Quando amanheço, quando me esqueço

Quando morro de medo do mar

Tudo aqui

Quer me revelar

Unhas ruídas

Ausências, visitas

Cores na sala de estar

O que eu procuro

O que eu rejeito

O que eu nunca vou recusar

Tudo em mim quer me revelar
 Meu grito, meu beijo
 Meu jeito de desejar
 O que me preocupa, o que me ajuda
 O que eu escolho pra amar

No 1º. verso: “Tudo aqui quer me revelar...” Segundo o Dicionário Aurélio, REVELAR significa tirar o véu, fazer conhecer, fazer aparecer no negativo à imagem. É a partir deste “revelar” que inicio este trabalho.

O que essa letra da música tem haver com o inconsciente?

É no inconsciente que existem conteúdos que foram recalçados, impedidos de se revelar conscientemente. Para o inconsciente se fazer ouvir, como diz a letra da música, vou me revelando, ou melhor, tirando o véu, através da minha roupa, dos meus medos, do que “eu afirmo”, “do que eu não digo”, “do meu paladar”, das “unhas ruídas”, ou seja, dos movimentos que faço enquanto sujeito do “meu jeito de desejar”.

Inconsciente para Freud é um lugar. Que lugar é este?

“Uma concepção inconsciente é uma comparação da qual não estamos cientes, mas cuja existência não obstante estamos prontos a admitir, devido a outras provas ou sinais” (Freud, 1977, p.328).

Um pouco de história.

A Psicanálise, final do século XIX, início do XX, nasce com a histeria, ou melhor, a histeria permite a Freud construir a Psicanálise.

O que representa a histeria e a psicanálise nessa data?

A família era organizada dessa forma: filhos tinham deveres para com os pais, o patriarca era a autoridade, o provedor da família e dono da propriedade. A esposa era quem cuidava da casa e dos filhos, permanecendo dentro de casa e não tinha um discurso próprio. Poderia até tê-lo, mas não havia um lugar para falar. A sexualidade era para a reprodução. O casamento era indissolúvel.

O pano de fundo, nesse momento, era o capitalismo consolidado e estabelecido. Casamento e filiação eram propriedades privadas. A propriedade era um bem material que agenciava o casamento=negócio. Sexualidade ligada

à reprodução dentro de uma família de herdeiros legítimos da propriedade privada, para manter e construir uma elite gestora de um capitalismo.

Dentro deste contexto histórico, surge a figura da mulher que apresentava uma manifestação chamada histeria, preconceituosamente utilizada na época como doença do ovário ou do útero.

O mundo projeta uma ordem científica e a medicina (se estrutura para a pesquisa) como campo da ciência.

A natureza começa ser algo de foco pela Ciência, ou seja, a Ciência procura colocar ordem na natureza através do parâmetro que cria (ordenar os fenômenos naturais evitando, assim, a desarmonia produzida pela desmontagem da concepção de mundo harmonioso e estável, concebido pela Igreja, desde o início da Modernidade). Aquilo que não se enquadrava nessa harmonia era considerado patológico pelos critérios da Ciência.

A histeria, então, pela Ciência médica, é enquadrada como doença. A histérica além de destoar da ordenação social, provocava uma desorganização naqueles que a cercavam. A maneira encontrada para que a histeria não produzisse desordem no mundo, que passa a se organizar pela Ciência, foi segregá-la em hospitais e sanatórios. Esses mesmos hospitais serviam para manter o organismo social em ordem.

A histeria como doença era tratada pela Ciência Médica. Era avaliada através de um exame clínico feito pelo médico. Os médicos, entretanto não encontravam uma explicação médica para o que estava ocorrendo organicamente.

Freud ao se interessar pela histeria, interessa-se por aquilo que atrapalhava a normalidade, por aquilo cuja manifestação produzia desordem.

Freud escuta sobre Charcot, que morava na França e se utilizava da técnica da hipnose para tratar as histéricas. Ele passa um ano em Paris junto com Charcot, tem contato com a técnica da hipnose e começa a aplicá-la.

De volta à Viena estudou a histeria com Josef Breuer e ambos se servem da hipnose para explorar a alma do doente e descobrir a origem dessa patologia.

Eles observaram que após uma seqüência de sessões de hipnose o trauma se desfazia. A paciente sob efeito da hipnose lembra e relata seus traumas, faz catarse, ou seja, libera os sentimentos bloqueados e fica curada.

Na Psicanálise, Freud e Breuer mudam de posição subjetiva: de não saber. Neste momento Freud já não trabalha com Breuer.

Freud já desconfia da técnica da hipnose porque os sintomas voltavam. Uma paciente, Ana O., não quis ser hipnotizada começando a falar numa associação aparentemente sem sentido. Tem início, assim, a associação livre - discurso racionalizado cartesiano. Ele escuta e descobre que essa fala tem o mesmo efeito e chega ao trauma. Segundo Bastos, “O sujeito do inconsciente fala e não sabe o que diz, pois há algo que se tece pelas palavras, além delas. Por isso, na análise, a associação livre, remete-o para uma nova dimensão na qual ele se depara com as palavras que escapam ao seu domínio, que ele mesmo diz, e que acabam por produzir efeitos que ele ignorava. Assim podemos entender o inconsciente como um lugar de saber que se manifesta de forma singular, como as próprias formações do inconsciente são capazes de revelar” (2003, pp.114 – 115).

Freud num primeiro momento identificou no discurso das histéricas o trauma das histéricas através da queixa de terem sido molestadas sexualmente por um adulto, quando crianças, identificando o pai como o agressor. Para ele nesse momento existia um trauma concreto, ou melhor, um fato. A psicanálise estava condensada no núcleo do discurso.

Freud começa a reparar na queixa e chega à raiz – trauma. Escreve a 1ª teoria e explica a etiologia, o trauma infantil está relacionado com a sexualidade. Fato ocorrido na infância que mais tarde vai desencadear a histeria.

Nessa época, a morte do pai deixa Freud muito perturbado e algumas questões particulares se reposicionam. Ele começa dar atenção aos seus sonhos que são constantes e faz uma investigação surgindo a obra marco do nascimento da Psicanálise: “A Interpretação dos Sonhos”(1900). Passa, então, a escutar os sonhos dos seus pacientes.

Freud chega à definição do que é sonho “Sonho é a realização de um desejo infantil sobre a sexualidade”. O sonho é uma produção inconsciente, por isso que não lembramos. Há uma barreira, chamada censura, entre o que lembro e falo. O sonho é uma fantasia feita de muitas fantasias (disfarçar, se vestir de outro). Ele aparece como uma mensagem enigmática. Quando o

sonho é relatado não é mais o sonho e sim fragmentos que são resgatados, na tentativa de dar sentido a algo que não tem sentido.

Outro episódio que provoca um ruído em Freud é o tema que está remetido ao incesto (pai molesta filha). Como o incesto é proibido aí é que se produz a censura do sonho e também por aqui que nos é lembrado. Freud lembra de um clássico que fala sobre o incesto, um escrito sobre Édipo Rei.

Diante destes elementos Freud formula o paradigma do funcionamento psíquico que nada mais é que o paradigma do surgimento do sujeito. Escreve a 1ª. Tópica, processo consciente e inconsciente separados pela censura e pré-consciente.

Quer dizer que a histeria deixou de ser para a Psicanálise uma doença. Ela é uma forma de funcionamento psíquico.

Freud então muda a teoria do trauma/fato para a 2ª. Teoria da Fantasia. Na realidade as histéricas desejavam algo proibido (incestuoso) e como não podiam revelar isto; falavam que o outro – pai é quem as molestava.

Do mesmo jeito que os sonhos são produções do inconsciente temos também o chiste, o ato falho, o sintoma.

Você faz algo que surpreende. Um estranhamento que exige uma “baita” força para dar sentido, pois o inconsciente rompe a barreira (censura) para emergir no consciente.

Freud então formula o conceito de inconsciente e o tecido psíquico como sendo da ordem da fantasia e não fato concreto.

Como temos acesso aos conteúdos inconscientes?

1º. “Tudo aqui quer me revelar”... No discurso revela o sujeito do inconsciente.

2º. O tratamento é realizado através da análise, ou melhor, a análise procura fazer o sujeito dar sentido aquilo que é dele. Como diz a música: “Quando não digo, o que eu afirmo, onde eu gosto de ficar, o que eu procuro, o que eu rejeito”.

O sujeito vai se apropriar do que é dele. Ao falar com o outro, falo para me escutar.

Como podemos verificar, uma das grandes inovações de Freud foi supor no paciente um saber, que nem mesmo ele sabe que tem, mas que através da escuta do analista, atrelada à regra de associação livre, pode ser despertado.

Isto só se tornou possível porque Freud desenvolveu um olhar atento a singularidade de cada paciente, interessado basicamente, na investigação dos processos inconscientes.

Bibliografia

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique Bastos. A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan. Rio de Janeiro: Vozes. 2003.

FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v. XII, pp. 328 – 334.

_____ v. VI, pp. 201 – 233.

LAPLANCHE, J & **PONTALIS**, J. – B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROUDINESCO, Elisabeth. Por que a psicanálise? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 55 a 70.